



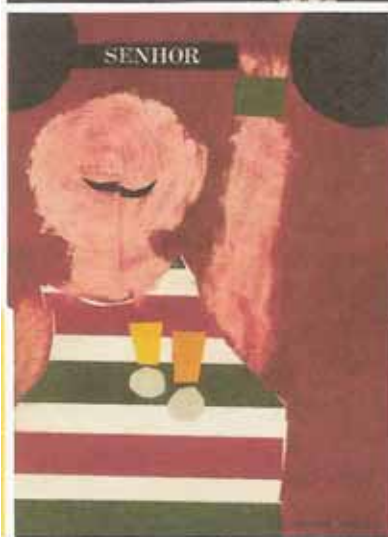
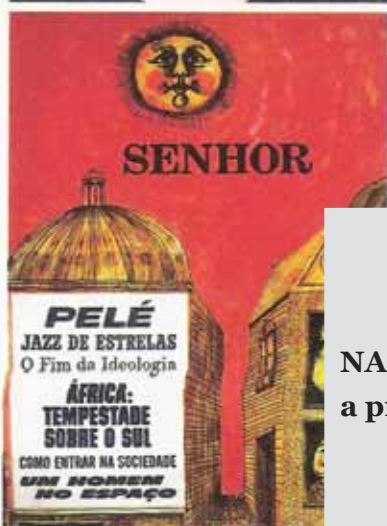
Jornalismo Fotografia e





Jornalismo Obra de Arte

Manchete e Senhor: As revistas dos anos 60 lembradas ainda hoje



NAS CAPAS

a primeira impressão que realmente fica

Em quase todas as capas da revista SENHOR é a ilustração quem se faz presente. Nos três primeiros anos da revista, por exemplo, capas exclusivamente tipográficas aparecem três vezes e a fotografia em apenas uma delas, enquanto que todas as demais destacaram a ilustração. Cada capa era uma “peça visual única”, segundo denominação do Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Lucy Niemeyer, sem estar necessariamente anunciando algo que será aberto em suas páginas.

Enquanto na Senhor predominava as artes plásticas, na Manchete quem estampava a frente eram as fotografias. Na semanal, as imagens que mais se repetiram foram as de figuras públicas como misses, atrizes, modelos, vedetes e políticos.

“ACONTECEU, VIROU MANCHETE”

“Em abril de 1952, surgiu uma revista que revolucionaria o mercado das imagens. Seu objetivo era fazer com que até os analfabetos pudessem “ler” os artigos, trazendo uma narrativa visual, independente do texto de suas reportagens. [...] Conseguiu. Era uma revista semanal de entretenimento, que envolvia diversos assuntos desde ciência (pouca abordagem) até a vida de atrizes e políticos (essas sim mereciam várias páginas da revista)”

Ana Maria Andrade,
pesquisadora

Manchete foi uma revista semanal de entretenimento e fatos, que agia conforme a sua chamada: “Aconteceu, virou manchete”. Inspirada na parisiense Match e na americana Life, trazia imagens fotográficas que ocupavam, em média, 70% das páginas e, por vezes, chegavam a ocupar a página inteira. A revista de circulação nacional, que possuía uma tiragem entre 200 e 800 mil exemplares, permaneceu nas bancas de 1952 a 2000. Manchete publicava reportagens sobre cinema, teatro, moda, cultura, comportamento, política, ciência, tecnologia, esportes, culinária, mundo dos artistas e fatos atuais, além de charges, crônicas e cruzadinhas. A popular revista ficou marcada como uma publicação colorida, atraente e de fácil leitura.

A fotografia em Manchete

“Físicos, astrônomos, biólogos, professores, engenheiros e militares, ao lado de misses, atrizes, políticos e vedetes, fizeram parte do retrato construído pelo imaginário coletivo da sociedade urbana brasileira, a partir das fotografias publicadas na revista”, afirmou a pesquisadora Ana Maria Andrade

Sim, os anos 60 mudaram o mundo.



Protestos dos estudantes em Paris



Movimento guerrilheiro na América latina



Guerra do Vietnã



Movimento Black-Power



O homem chega na lua

PRAZER, SENHOR

Proposta em 1958 por Simão Waissman, proprietário da Editora Delta, a Revista mensal Senhor chegou às bancas no ano de 1959, no Rio de Janeiro, num período repleto de novidades (*linha do tempo*). Waissman aliou-se ao jornalista Nahum Sirotsky e juntos desenvolveram a idéia de uma revista de qualidade para um público sofisticado: era o início de uma grande e curta história. Para a direção de arte da revista, Sirotsky convidou o artista-designer Carlos Scliar. Senhor viria a se tornar um dos símbolos de uma época de grandes e constantes mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas. Um símbolo de uma sociedade que desejou viver cinquenta anos em cinco, mas que sobreviveu nas bancas por apenas cinco anos.

Falando de Senhor

Textos longos, ou curtíssimos. Uma página só com texto, a do lado sem texto algum. A revista não estava assentada em uma estrutura diagramática; era, antes, uma revista artesanal, sempre disposta a “conhecer novas possibilidades”, conforme afirmou Niemeyer, Doutora em Comunicação. Até mesmo a tipografia entrava nesse jogo. Cada reportagem fazia uso de um tipo diferente. Serifada, sem serifa, times, arial ou fonte fantasia: cada matéria era construída em suas peculiaridades, cada página da revista era tratada como uma obra de arte. Tudo devia estar em sintonia. Para ajudar na visualização da página e no ritmo de leitura, Scliar tinha o costume de pôr na parede, lado a lado, miniaturas das páginas. Senhor deveria ser uma revista dinâmica, variada, mas com uma identidade visual própria.

“Nahum fez uma revista linda e inteligente. Chamou os melhores textos, ilustradores, fotógrafos e artistas gráficos do Rio de Janeiro daquela época, e fez uma revista com gosto de uma Ipanema que ainda não havia virado internacional, mas onde a vida boêmia nos bares e botequins juntava músicos, escritores, jornalistas, artistas plásticos, que fizeram naquela época o maior centro de efervescência cultural da história do Brasil”.

Thomaz Correa,
Jornalista



A Terra é vista pela primeira vez



Jovem guarda



Tropicalismo



Cinema Novo



Teatro de Arena e Teatro Oficina

A revista que se portava como obra de arte

“Nas palavras e imagens da revista está sempre presente um indivíduo, não a massa, a multidão. Essa individuação recupera uma idealização de estar no mundo e se reconhecer um senhor, forma de tratamento em desuso na era da máquina e anacrônica no mundo globalizado do chip e do circuito impresso”

Lucy Niemeyer,
Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP

Senhor se apresentava no mercado editorial como uma revista culta do mercado brasileiro. Não seria somente uma revista, seria, antes, um “cartão de visita”, como pediu Simão a Sirotsky. As capas das revistas, em sua maioria, foram ilustrações de grandes artistas nacionais. No entanto, essas imagens não estavam “jogadas” na capa.

As manchetes e até mesmo o nome da revista eram harmoniosamente combinados com a ilustração. Como poucas vezes se viu, design e arte pareciam, realmente, se entender.

Se nas capas a ilustração dava uma aparência de unida-

de, no miolo da revista o desafio era conciliar variedade com unidade visual, idealizada por Scliar, “Ele (Carlos Scliar) queria que se alguém arrancasse um pedaço da revista esse pedaço fosse identificado como da revista Senhor, que isso definisse o caráter da publicação”, disse .

Cada matéria era pensada uma a uma, revelando, assim, ausência de uma estrutura diagramática. Isso, no entanto, não significa ausência de padrões, como explica o designer Chico Melo: “padrões existiam e eram respeitados em diversas seções; ao mesmo tempo, as peculiaridades de cada matéria eram levada em

A arte foi a tática usada para atrair o leitor para o texto



Exemplos de capa e de página interna da revista Senhor

conta”, disse Eliane Basso, Doutora em Comunicação.

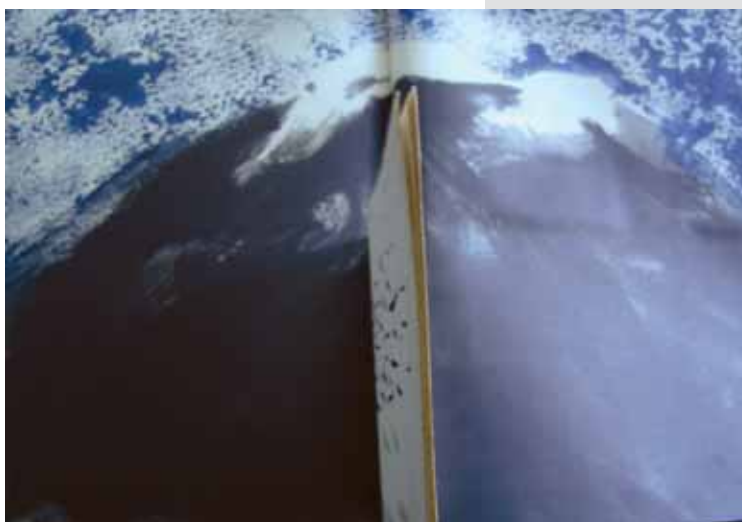
O diretor de arte Scliar, um artista-designer de origem na pintura e gravura, ficou conhecido pelas suas constantes idas a gráfica para acompanhar a qualidade de impressão da *Senhor*. O texto era o mais importante, acreditava, mas para atrair o leitor para ele, a tática era a arte, a estética. “Eu tinha que fazer com a ilustração, é claro com a tipologia, com a organização do espaço, desse um ritmo naquela matéria para que você fosse induzido a ler, pois se você começou a ler, a reponsabilidade já não era mais minha, eu tinha feito o que estava no meu alcance – fazer você começar a ler” garantiu Carlos Scliar.

Os livretos na revista

Além do cuidado com a qualidade de impressão, com as ilustrações, havia, na revista, uma atenção para os momentos de ruptura com o objeto-revista. Em diversas edições foi feita a inserção de uma obra literária em uma espécie de livreto de um tamanho menor ao das páginas da *Senhor*. Nesse livreto se concentrava toda a redação do texto, deixando, assim, a figura limpa nas duas páginas de fundo.

Em *Senhor*, ocorreu uma simbiose entre as linguagens das artes plásticas e do design. As duas saíram ganhando com isso.

Chico Melo,
Designer



A inserção de livretos no meio da revista, rompia com o objeto revista padrão

Fotografou, virou manchete

Esta revista era o principal veículo de comunicação da empresa Bloch, até meados de 2000, e tinha uma capacidade muito grande de atrair leitores leigos sobre qualquer assunto. O motivo? Fotos. Imagens.

Neanis Lutzer,
Jornalista



Nas páginas da revista, o fotojornalismo tinha lugar de destaque

A predominância de fotografia na revista se justificava pela emoção que somente ela era capaz de causar por si só. A presença de uma boa imagem poderia causar um impacto no leitor, e para isso bastava alguns segundos, dispensando, muitas vezes, a leitura do texto jornalístico. A fotografia, ainda, proporcionava ao leitor uma sensação de veracidade do texto e credibilidade à revista.

Como a Manhete era destinada a um grande público, o fotojornalismo era fundamental, já que a população brasileira dos anos 50 (de imensa maioria analfabeta ou semi-analfabeta), agora também podia apreender o que acontecia no país como a escolha da nova Miss, a eleição do presidente, os casos amorosos dos artistas, a nova moda ou os estragos da bomba atômica.

E, afinal, para quem escreviam?

Manchete

Os leitores de Imagem

*Classe média urbana
Adultos de ambos os sexos*

“Bloch percebeu que a maneira de chamar a atenção de um público que gostava de assistir noticiários era apostar nas imagens. Assim, a revista recorreu ao fotojornalismo e fotorreportagens. Cada vez mais colorida, tudo seria mais fácil, formando um público-alvo de imagens”.

Neanis Lutzer,
Jornalista



O Senhor leitor

*Classe alta Urbano
Empresários de poder
aquisitivo e suas esposas*

“Homem adulto, distinto, proprietário de bens com valor, com boa condição social, que exerce poder, dominação, influência. Esse senhor está em sintonia com as expressões de progresso, as preocupações de seu tempo, as contingências da modernização”

Lucy Niemeyer,
Doutora em Comunicação e
Semiótica pela PUC-SP

Participação de grandes nomes

SENHOR atraiu críticos, jornalistas, poetas, contistas, novelistas e cronistas, muitos já consagrados e outros estreates ou ainda pouco conhecidos que vieram a ser notáveis, anos mais tarde.

Elaine Basso,

Doutora e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo.

A equipe de redação foi reforçada. Do quadro de jornalistas, redatores e colaboradores — selecionados entre pessoas de destaque no meio intelectual

Ana Maria Andrade,
pesquisadora

As duas publicações contaram com colaboradores de grande destaque na nossa literatura. Clarice Lispector teve grande participação em ambas revistas, chegando a se firmar como seção. Em Senhor, foi lhe é oportunizado espaço para seus textos com a seção “Children’s Corner”. Muitos dos seus contos de seu primeiro livro “Laços de Família” (1961), foram antecipados em Senhor. Entre maio de 1968 e outubro de 1969, já consagrada, Clarice manteve uma seção na revista Manchete intitulada “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”, onde a escritora fazia entrevistas com importantes figuras da cultura nacional.

A cultural Senhor dava

As equipes de redação das duas publicações contaram com profissionais de destaque

grande destaque à literatura e, por isso, trouxe para suas páginas nomes de destaque do cenário nacional: Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Vinicius de Moraes, Ferreira Gullar, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Paulo Coelho. Da literatura internacional, Senhor publicou textos de Leon Tolstoi, Eliot, Franz Kafka, Thomas Mann, Jean Paul Sartre, George Orwell.

Manchete, apesar de ser uma publicação de variedades, não se dedicando tanto à literatura como a Senhor, também teve colaboração de importantes escritores. É o caso de Lígia Fagundes Telles, Carlos Drummond de Andrade, Orígenes Lessa, Manuel Bandeira, Rubem Braga.



O poeta Carlos Drummond de Andrade colaborou com ambas as revistas

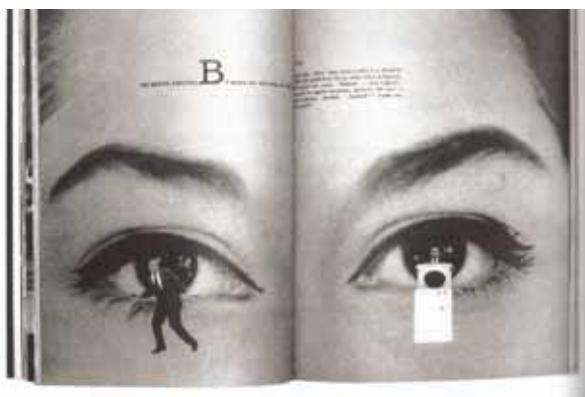
A publicidade no seu lugar

Enquanto que na revista *Manchete* a publicidade encontrava abertura, na *Senhor* os anúncios deviam estar de acordo com a qualidade gráfica de sua publicação.

Senhor se comportava de maneira desigual às publicações comerciais, chegando, por vezes, a recusar publicidades. Na seleção de anúncios, os artistas-designer da *Senhor* exigiam que a qualidade gráfica estivesse em harmonia com sua arte gráfica. Por isso, muitos dos anúncios eram produzidos pela própria equipe de arte da revista. *Senhor* mantinha espaços pré-determinados para essa finalidade, garantindo, assim, que suas

reportagens não fossem confundidas com a publicidade. Além disso, o poder aquisitivo dos leitores da *Senhor* era evidenciado na publicidade que estampava suas páginas: investimentos financeiros, viagens aéreas, produtos de luxo.

Por outro lado, *Manchete* garantia à publicidade grandes espaços em suas páginas, já que a própria diagramação da revista era feita em função dos anúncios. Esses, por sua vez, também andavam em concordância com a revista, e, sendo a semanal *Manchete* uma publicação destinada a um público mais amplo e menos requintado que o da *Senhor*, as propagandas anunciavam sabonetes, porcelanas, colchões, roupas.



Acima publicidade de eletrodomésticos na *Senhor*. Ao lado, anúncio de massas e biscoitos na *Manchete*.

Lança-se mão de ousados recursos gráficos e narrativos[...] Apesar de atípico, o anúncio é revelador do experimentalismo reinante em *Senhor*”

Chico Melo,
designer

“Nas estantes de memória e nas bancas de sebo”

Em 1959, Senhor “saiu de circulação para entrar para a história”

Eliane Basso,
Doutora e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo.

Esta revista era o principal veículo de comunicação da empresa Bloch, até meados de 2000, e tinha uma capacidade muito grande de atrair leitores leigos sobre qualquer assunto. O motivo? Fotos. Imagens.

Neanis Lutzer,
Jornalista

Senhor e Manchete. Duas revistas que marcaram o Brasil. Duas edições surgidas em um mesmo período. Uma é atemporal, a outra vive dos fatos. A primeira aliou-se a artistas plásticos, a segunda mostrou o mundo pela fotografia. Uma culta, a outra popular. As diferenças editoriais e de público, porém, esbarram em algumas semelhanças. Dentre elas, o fato das duas revistas terem se tornado referência no jornalismo.

A produção “manufaturada” de Senhor, que exigia gastos elevados não se sustentou no mercado. Senhor foi uma revista destinada a um público elite, que representava uma minoria no país. Tinha repercussão, mas as vendas eram baixas.

Do primeiro ao último editorial, Senhor expressa uma proposta de vigor. Entretanto, como testemunhou o Doutor em Co-

Com o fim das publicações, as revistas ficaram na história do jornalismo

municação pela PUC-SP, Lucy Niemeyer, “em seu percurso ela passa por mudanças e o avanço de uma luta para sobreviver deixa cicatrizes em suas páginas: o uso da cor diminui, os recursos tipográficos empobrecem, a qualidade de impressão cai, o número de páginas reduz, os anúncios avançam pelo seu miolo, corroído por imagens alheias ao projeto gráfico da revista”.

Pelo lado da Manchete, a história segue o mesmo rumo. A revista sobreviveu nas bancas por 48 anos, voltando em 2004 com uma edição especial do carnaval. Porém, os recursos da Editora Bloch foram insuficientes para manter a revista.

As revistas, apesar de publicações dos anos 60, são muito procuradas ainda hoje. E para os que buscam saber sobre elas, procurar “nas estantes de memória e nas bancas de sebos”, como afirmou Niemeyer.



Para saber mais

MELO, Chico Homem de. O design pictórico de senhor. In: MELO, Chico Homem de. **O design gráfico brasileiro: anos 60**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

ANDRADE, Ana Maria e CARDOSO, José Leandro. **Aconteceu, virou manchete**. 2001. Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/263/26304113.pdf>>

CORREA, Thomaz. **Quinta e última parte de uma breve história das grandes revistas, que acabou não sendo tão breve assim**. 2005. Disponível em <http://cursoabril.abril.com.br/coluna/materia_110318.shtml>



Texto de
**Fabiane Maldaner
Bulawski**,
Acadêmica de
Jornalismo da
Univerisadade Federal
do Rio Grande do Sul